

# Educação musical e ensino de piano: estratégias para o desenvolvimento de aulas de instrumento em grupo.

*Jonas Buarque*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

*Jonas.pianosoul@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo é resultado de pesquisa apresentada como monografia ao curso de licenciatura em música. Esta investigação teve como objetivo discutir o uso de princípios das abordagens de Edgar Willems e Carl Orff, em aulas de piano em grupo. Neste texto apresentaremos um recorte do relatório de pesquisa, que trata especificamente do desenvolvimento do plano de curso e da aplicação das principais atividades, bem como a descrição dos momentos em que a aula foi dividida, seus objetivos e os resultados obtidos. Buscando a construção de uma estrutura que contemplasse tanto o desenvolvimento dos aspectos da linguagem musical, quanto à aprendizagem técnica e execução do instrumento. Unimos o pensamento pedagógico e conceitos dos dois teóricos da educação musical, a fim de promover uma aprendizagem onde a teoria e a prática se misturam dentro da aprendizagem do instrumento. Ao final serão apresentadas algumas considerações sobre os resultados obtidos a partir da avaliação das aulas.

**Palavras chave:** Ensino de Piano em grupo, planejamento, aplicação.

## Introdução

Ao longo do tempo trabalhando com educação musical e iniciação ao piano, muitos questionamentos surgiram a respeito de alternativas que viabilizassem uma dinâmica de aula onde fosse possível aprender música e conseqüentemente desenvolver habilidades com o instrumento. O conhecimento que os teóricos da educação musical me propiciaram por sua vez, me fizeram olhar o ensino do instrumento de maneira mais reflexiva, podendo analisar a minha conduta como professor, bem como a minha aprendizagem como aluno.

Este artigo por sua vez é um recorte de minha monografia, uma investigação realizada em 2013, a qual se propunha a discutir o uso de princípios de métodos ativos da educação musical, especificamente as abordagens de Edgar Willems e Carl Orff, na Iniciação e Musicalização ao Piano, visando tanto o caráter da aprendizagem da linguagem musical, quanto o desenvolvimento técnico do instrumento. Nossa intenção não foi transformar as aulas de piano aos moldes das propostas dos autores em questão, e sim utilizar os fundamentos dos mesmos, frutos de experiências repletas de resultados significativos obtidos ao longo do tempo, para auxiliar a Musicalização Através do Piano. Desse modo, ressaltamos

o desenvolvimento da aprendizagem musical e do instrumento, utilizando o conceito da educação musical ativa (FONTERRADA, 2005; ILARI e MATEIRO, 2011).

A experiência teve 2 turmas de piano coletivo composta por 3 crianças como participantes, com idade entre 10 e 12 anos do projeto de extensão Coral Infantil do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, IFRN Campus Cidade Alta (Natal/RN) que contempla além da prática coral, aulas de flauta doce e piano.

Realizamos a revisão bibliográfica no qual expomos todos os pressupostos teóricos do trabalho, bem como, a possível aplicabilidade dos princípios metodológicos de Willems e Orff nas nossas aulas, sendo o resultado dessas leituras publicado nos anais do XXI Congresso da ABEM (BUARQUE E GOMES, 2013).

Associado a essas metodologias, procuramos algumas leituras relacionadas diretamente ao ensino do instrumento. Dentre os autores de iniciação ao piano que trouxemos para a revisão teórica e de literatura – bem como para o planejamento das aulas – situam-se: Fletcher, 1981; Gonçalves, 1989; Adolfo, 1994; Botelho, 1987. Os critérios de seleção destes foram: conhecimento e utilização em trabalhos anteriores, possibilidade de adaptação à realidade dos alunos do projeto em que se estabeleceu a pesquisa, e repertório diversificado (popular e erudito). Realizamos uma análise dos trabalhos escolhidos no intuito de entender a proposta de cada autor e extrair aquilo que poderia estar presente nas nossas aulas. Alguns aspectos encontrados serão discutidos posteriormente.

Este artigo irá explanar pontos importantes especificamente do planejamento das aulas, bem como de sua aplicação, fazendo uma pequena descrição do que foi relevante para a pesquisa e como as associações entre os métodos ativos e o ensino de piano se deram nesse contexto.

Dessa forma ao longo do trabalho serão descritos a experiência de construção do percurso didático – que se configura na maneira como organizamos a estrutura do curso e as atividades pensadas a partir dos conceitos já apresentados sobre ensino da música e do piano – e o relato sobre a aplicação das aulas onde traremos a discussão sobre cada etapa em que se dividiram as aulas e por fim apresentaremos algumas considerações a respeito do trabalho desenvolvido nesta etapa da pesquisa. Dessa forma, segue-se com a estruturação do curso e a formatação do percurso.

## Construção do percurso didático

Para criarmos o percurso que nortearia nossa proposta, construímos um mapa dos principais elementos abordados no aprendizado da música e da técnica pianística (QUADRO 1), verificados tanto pelos autores analisados quanto pela prática pedagógica já realizada. Assim, todas as aulas foram elaboradas buscando contemplar estes aspectos ou domínios identificados, constituindo-se conteúdos fundamentais para a construção e organização do curso e das aulas.

Dividimos o programa em 3 níveis, compostos de 8 aulas nos dois primeiros e o último tendo 16, totalizando 32 semanas. Os encontros eram realizados semanalmente e Segundo Lemos (2012) o intervalos entre aulas e estudo permite ao cérebro a adaptação necessária ao novo conteúdo aprendido. Desse modo, os alunos teriam tempo de estudar o conteúdo, bem como criar o habito de praticar em casa.

Para as primeiras 8 semanas separamos os conteúdos que dizem respeito a estruturação musical em si: pulso, métrica, ritmo, nome das notas, localização das mesmas no teclado, altura, intensidade, timbre, e ainda os primeiros conceitos sobre postura das mãos (por se tratar de aulas de piano) e consciência corporal ao piano (QUADRO 1). Todos esses conteúdos vieram acompanhados do uso do piano e das atividades de vivência corporal e vocal como sugerem Willems e Orff (SALIBA 1991, ROCHA 1990), que detalharemos na aplicação das aulas.

**Quadro 1:** Conteúdos do curso x níveis

NÍVEL 1 (8 aulas)	NÍVEL 2 (8 aulas)	NÍVEL 3 (16 aulas)
Estruturação musical (pulso, métrica, ritmo, altura, intensidade, timbre etc.)	Estruturação musical	Estruturação musical
Apreciação	Apreciação	Apreciação
Criação Musical (livre)	Criação Musical (sobre o pentacorde)	Criação Musical (sobre o tom)
Improvisação (livre)	Improvisação (sobre o pentacorde)	Improvisação (sobre o tom)
Leitura musical (leitura de gráficos)	Leitura musical (pelo Dó central)	Leitura musical (múltiplas tonalidades)
Desenvolvimento rítmico e auditivo	Desenvolvimento rítmico e auditivo	Desenvolvimento rítmico e auditivo
Desenvolvimento motor	Técnica Pianística	Técnica Pianística
Repertório (por imitação)	Repertório (leituras simples, melodia e cifra)	Repertório (duas claves, melodia e cifra)

A respeito da importância de integrar nas aulas de piano os elementos da estruturação musical já na iniciação, Uszler (1991 *apud* NILSON 2005, p. 14) afirma que:

Os primeiros dois anos de estudo compreendem o período em que a criança irá desenvolver noções básicas de leitura - como ler à primeira vista um repertório simples contendo conceitos estudados nos métodos - e desenvolver habilidades técnicas preliminares, como postura correta do corpo, da posição dos braços, mãos e dedos. Além disso, a autora acrescenta que neste período o aluno deve ter desenvolvido habilidades funcionais básicas como improvisar e harmonizar melodias simples e ter manipulado recursos expressivos elementares como dinâmica *forte* e *piano*, *crescendos*, *decrescendos* e *rallentando* (USZLER, 1991 *apud* NILSON, 2005, p. 14).

Deste modo vemos os principais elementos da música que devem ser trabalhos na iniciação ao piano, este fator pode ser observado nas propostas dos autores nos quais centralizamos o trabalho didático (ROCHA, 1990; SALIBA, 1991; FONTEERRADA, 2006).

Após as primeiras 8 aulas, introduzimos o conceito do pentacorde e todas as possibilidades provindas do mesmo, a saber, tríades, melodias compostas ou improvisadas dentro das 5 notas, percepção da acordes maiores, intervalos simples, transposição e acompanhamento em ostinato usando o conceito de música elementar, que segundo Orff (1965, p. 02) é uma música que não nasce sozinha, ela vem acompanhada de movimento (dança ou a linguagem), podendo uma pessoa por si só construí-la e ela não estará incluída simplesmente como ouvinte mas também coparticipante. Ainda segundo Herman (1975) esta compreende uma área de experiência que promove o contato primário, impressões sensoriais e impulsos cognitivos e permite os primeiros contatos da criança com a música (HERMAN, 1975, p. 182).

No nível 3 enfatizamos o aprendizado técnico através do repertório em grupo, solista e o arranjo coletivo, bem como, a apreciação e desenvolvimento da percepção. Nesta etapa o programa compreende atividades de percepção aliadas à análise das peças e do conteúdo da estruturação musical presentes nela como sugere Botelho (1987, p. 05), ressaltando que essa prática “proporciona ao estudante, acurado conhecimento de fórmulas de compasso, acidentes, escalas etc.”, ouvir e apreciar é sugerido tanto por Willems quanto por Orff, sendo estas ações compreendidas como fator importante no desenvolvimento musical do aluno (WILLEMS, 1961; GOODKIN, 2013).

Em relação às atividades de leitura trabalhamos primeiramente a adaptação visual gráfica, desenvolvendo assim alguns domínios necessários para essa ação<sup>1</sup>. Especificamente

---

<sup>1</sup> Decodificação dos símbolos musicais, utilização do dedilhado correto, adaptação gradual na relação entre visão e coordenação motora.

Gonçalves (1987) sugere em seu método o uso de gráficos que possibilitam a adaptação gradual à leitura de signos musicais, para o desenvolvimento da lateralidade integrada a interpretação destes para o ritmo ou para o som, utilizamos os gráficos Willems para estes fins em razão de existir um gráfico para cada elemento (altura, intensidade, duração, movimento sonoro, etc.) visando a leitura propriamente dita.

Posteriormente introduzimos leituras pelo Dó central, causando um estimulando inicial no aluno, por se tratar de atividades facilmente executáveis e seguimos introduzindo a leitura por múltiplas tonalidades, proporcionando também a prática da transposição até chegar a leituras das peças. Esta atividade era elemento integrante das aulas, que compreenderam 5 momentos: Integração, que agrega aquecimento alongamento; Exercícios Preparatórios; Exercícios ao Piano; Leitura e Repertório. Nos próximos parágrafos detalharemos o que seria cada momento e as principais atividades desenvolvidas em cada um destes.

## **Desenvolvimento das aulas**

Nessa etapa do processo reunimos todos os conceitos previamente formulados, para a partir de então planejar atividades que fossem passíveis da participação de todos os alunos, gerando assim uma dinâmica de grupo que pudesse culminar num aprendizado coletivo e significativo.

As aulas iniciais foram planejadas tendo em vista a introdução ao aprendizado dos princípios básicos da música. Desse modo, para as primeiras vivências formulamos atividades a fim de desenvolver a sensibilidade dos alunos. Sendo assim, foram aplicados exercícios de memorização e automatização do nome das notas; exercícios de locomoção, a fim de criar o sentido de pulso e andamento; prática da expressão corporal tendo como princípio que o instrumento é uma extensão do corpo e que se faz necessário desenvolver uma consciência corporal; e por fim os momentos de interação social. Para estes momentos demos o nome de **Integração**, que agregaram também exercícios de aquecimento e alongamento. A preocupação nessa construção foi possibilitar a aprendizagem dos elementos da linguagem musical dando ao aluno não apenas a mecânica do movimento que produz o som no instrumento, mas lhe proporcionando a consciência dos elementos que o compõe.

As atividades de desenvolvimento rítmico foram realizadas segundo as sugestões de Willems e Orff, utilizando a palavra em forma de texto rítmico, onomatopeias, acompanhados

de significação corporal se utilizando de batimentos e de instrumentos de percussão, dentre os quais: pandeiros, pandeirolas, tambores, metalofones e xilofones (Orff) entre outros, em atividades que mesclavam a execução do material proposto por nós, bem como a improvisação e criação dos próprios alunos.

Um exemplo bem significativo sobre a aplicação dessas atividades se configurou na aprendizagem do padrão rítmico “baião”. Realizamos uma atividade onde a célula rítmica característica desse estilo foi apresentada primeiramente usando uma onomatopeia (FIGURA 1), num segundo momento este se transformou em percussão corporal onde cada sílaba da onomatopeia era realizada com um batimento, por exemplo: “tu” batimento na coxa esquerda, “dum” coxa direita e o “tá” palmas, mudando os batimentos de lugar algumas vezes para criar várias possibilidades para aquela tarefa. A respeito disso, Saliba (1991, p. 2) escreve que para a criança usar o corpo para significar o ritmo é natural, desse ponto de vista procuramos fazer com que os alunos sentissem e vivenciassem rítmica e melodicamente com o corpo e voz tudo o que executariam no instrumento, proporcionado uma apropriação maior do conteúdo apresentado.

Figura 1: Partitura de exercício de desenvolvimento rítmico.

**BAIÃO**

Exercício com onomatopéia e batimentos, utilizado para desenvolver a coordenação motora para a execução do ritmo no piano.

Essas atividades foram realizadas usando canções como fio condutor dos conteúdos, escolhidas com objetivos pedagógicos tendo em vista o desenvolvimento da musicalidade, da prática do solfejo e do instrumento. Para Rocha (1990),

É inegável o valor da canção na iniciação musical das crianças, não só pelo seu aspecto sintético, globalizador, mas também pelo seu poder de despertar

a sensibilidade afetiva. Willems considera a canção o centro do trabalho da educação musical; ela engloba ao mesmo tempo o ritmo, a melodia e introduz de modo inconsciente seu conteúdo harmônico (ROCHA, 1990, p. 28).

Estes exercícios precederam a prática no piano, procuramos criar um sentido corporal, sonoro e afetivo, para que quando o aluno fosse realizar o mesmo elemento no piano estivesse devidamente familiarizado não tendo portanto dificuldades em executá-lo, fator este que pudemos pontuar na avaliação das aulas e das atividades. A esses momentos demos o nome de **Exercícios Preparatórios**, visto que precediam a execução no instrumento.

Os **Exercícios ao Piano** compreenderam todo o trabalho técnico a qual se propunha o percurso didático, além de ser o instrumento presente em quase todas as atividades propostas nas aulas. Nesse momento, aplicamos tudo que foi estudado nos exercícios preparatórios, transformando a vivência em estudo técnico.

Tomando como exemplo o trabalho preparatório feito sob o padrão rítmico baião, realizamos o exercício ao piano inicialmente pedindo que as crianças realizassem o padrão apenas com uma nota de um dedo em cada mão, modificando o acento para explorar todas as possibilidades. Frequentemente usávamos um teclado apenas, então para que todos participassem tínhamos um recurso chamado por Gonçalves (1989) de “circuito”, que são atividade realizadas com um só instrumento onde as crianças fazendo o revezamento do mesmo, na nossa adaptação ocasionalmente tocando outro instrumento ou cantando a melodia enquanto o colega estava no teclado.

Incluímos nesses momentos o exercício de ouvir, reconhecer e reproduzir. Dentro do método Willems inicialmente os instrumentos e objetos sonoros são o material dessa audição e reconhecimento, nas aulas de piano procuramos associar esses elementos a percepção da melodia ou ritmo realizado (ouvir) e o reconhecimento das notas e intervalos da próprio peça estudada (reconhecer) e posteriormente a reprodução no piano, promovendo em conjunto o desenvolvendo a memória sonora.

As atividades de **Leitura** se deram de maneira gradual visto a adaptação à leitura dos símbolos musicais. Na etapa inicial utilizamos o os gráficos Willems para duração, intensidade, altura, movimento sonoro. Realizando as primeiras atividades de leitura lendo os gráficos que foram previamente apresentados, utilizando o som da voz, por exemplo, falando longo e curto de acordo com as figuras no gráfico de duração.

A após se abituarem, o exercício foi realizado no instrumento, utilizando apenas uma nota em cada mão, evoluindo para um cluster<sup>2</sup>, e mais adiante pentacordes com mãos alternadas, simultâneas e em direções e intensidades diferentes de acordo com o prévio estudo do elemento, bem como já estruturando o uso correto das mãos. Cumprido a etapa da iniciação, apresentamos a pauta, primeiro sem altura definida o que Willems (1985) classifica como leituras relativas, a saber processo que se dá pela distribuição de notas na pauta sem clave, estabelecendo uma nota referência (Dó por exemplo) em diversos pontos da pauta, e a leitura se dá de acordo com a ordem das notas em função do referencial escolhido. Em seguida inserindo as claves de Sol e Fá, determinando então as auturas e as leituras pelo Dó central e de cifras.

Ao último momento da aula demos a prática de **Repertório**, inicialmente as peças foram transmitidas por imitação, com o objetivo de estimular os alunos e ao mesmo tempo desenvolver a memória auditiva e motora. Escolhemos um repertório para as primeiras aulas que possibilitasse o aluno – mesmo sem manter uma rotina de estudo (o que não acontece nas primeiras aulas) – lembrar o que aprendeu na aula seguinte, por exemplo, canções com nomes de notas, que ficam na memória pela utilização da palavra e se relaciona com o som. Procedendo assim até que as crianças estivessem hábeis a fazer leituras na pauta. A partir de então inserimos o repertório escolhido para o trabalho que incluiu canções dos métodos Meu Piano é Divertido, Leila Fletcher e peças populares e eruditas, de acordo com o desenvolvimento de cada aluno. Algumas peças ainda foram realizadas a quatro mãos ou acompanhadas de xilofones, metalofones e instrumentos de percussão.

Dentro da atividade de repertório ainda criamos um ambiente que contemplasse a apreciação das peças através de áudio, vídeo ou até mesmo ouvindo os próprios colegas, realizando uma audição crítica, contribuindo com o desenvolvimento uns dos outros, o que segundo Dantas, Braga e Rocha (2010) caracteriza uma aprendizagem cooperativa.

## Considerações Finais

Diante da problematização da construção didática deste trabalho, podemos perceber que – a respeito da forma como se desenvolveram as atividades e a preparação do percurso

---

<sup>2</sup> **Cluster** (do inglês: *aglomerado*) é um acorde formado por notas consecutivas. Por exemplo, três teclas adjacentes de um piano (como C, C# e D) pressionadas simultaneamente produzem um cluster.

didático – a divisão dos momentos da aula foram essenciais para o bom desempenho do trabalho, estas partes da aula se complementaram entre si, proporcionaram um elo entre as atividades gerando uma fluidez na aplicação dos conteúdos.

Observamos que as atividades e vivências da abordagem Orff e do método Willems contextualizadas através do uso do instrumento possibilitaram uma aproximação maior entre as crianças e a linguagem musical. Estas auxiliaram no desenvolvimento da coordenação motora e lateralidade, tendo os alunos adquirido habilidades para execução do instrumento em virtudes das atividades as quais foram submetidos. Observamos também que nos exercícios de percepção, criação e improvisação realizados durante o percurso, a intimidade com o qual era tratado cada elemento da estruturação musical nos mostrou que além de entender os conteúdos e ter adquirido a habilidade motora as crianças aprenderam a fazer uso dos mesmos.

Nas entrevistas realizada com pais e alunos, notamos que o desenvolvimento por nós observado, tinha uma relação direta com o que os pais perceberam em relação a aprendizagem dos alunos. Foram citados muitos fatores que nos levaram a essa conclusão, tais como, aspectos comportamentais, disciplina no estudo em casa, um envolvimento maior com a música, reconhecimento dos elementos da linguagem musical e do instrumento.

Dentre todos os aspectos contidos no trabalho que foi desenvolvido, a prática (planejamento e aplicação), elemento a qual dedicamos este artigo, nos gerou grande parte dos resultados obtidos, o que nos mostrou que no nosso contexto foi eficaz aliar o ensino de piano em grupo e as abordagens descritas nesse trabalho, o que contribuiu para a aplicação de aulas mais dinâmicas e criativas, promovendo uma aprendizagem prazerosa para os nossos alunos.

## Referências

ADOLFO, Antonio. *Iniciação Ao Piano e Teclado*. Rio de Janeiro, RJ. Lumiar Editora, 1994.

BOTELHO, Alice G. *Meu Piano é Divertido v.II*. Ricordi Brasileira. São Paulo, SP, 1987.

BUARQUE, Jonas; GOMES, Carolina Chaves. *Willems e Orff na iniciação musical em turmas de piano coletivo: primeiras discussões*. Anais do XXIII congresso Nacional da ABEM. 04 a 07 de novembro. Pirenópolis, 2013.

DANTAS, Tais. BRAGA, Simone. ROCHA, Marcus. *Aprendizagem cooperativa: a diversidade como recurso facilitador na aprendizagem do instrumento*. Anais do VI SIMCAM, 25 a 28 de maio. Rio de Janeiro, 2010.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FLETCHER, Leila. *The Leilla Fletcher Piano Course*. Montgomery Music inc. Bulffalo, New York, 1981.

GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira. *Educação Musical Através do Teclado*, Manual do Professor 3º vol. 2ª edição. Rio de Janeiro, 1987.

HERMANN, Regner. *Carl Orff's Educational Ideas – Utopia and Reality*. 1975 in Texts on theory and practice of Orff-Schelwerk.

ILARI, Beatriz Senoi; MATEIRO, Teresa da Assunção Novo. *Pedagogias Em Educação Musical*. Curitiba: Editora IBPEX. 2011.

LEMOS, Daniel. *Pedagogia do piano*. Disponível em: < <http://audio-arte.blogspot.com.br/> > Acesso em 08 dez 2012.

LEMOS, Daniel. *Considerações sobre a elaboração de um método de Piano para Ensino Individual e Coletivo*. Revista do conservatório de música da UFPel. Pelotas, n.25, 2012, p. 98- 125.

ORFF, Carl. Entrevista de Wille Reich. Manesse Verlag. Trecho de uma entrevista com Carl Orff do livro *Gespraech Hit Komponisten*. Zuerich, 1965.

ORFF, Carl. Entrevista de Wille Reich e Manesse Verlag. Trecho de uma entrevista com Carl Orff do livro *Gespraech Hit Komponisten*. Zuerich, 1965.

ROCHA, Carmen Maria Mettig. *Educação Musical: Método Willems*. Bahia: Faculdade de Educação da Bahia, 1990.

SALIBA, Konnie K. *Accent on Orff: an introductory approach*. New Jersey: Prentice Hall, 1991

WILLEMS, Edgar ; La preparación musical de los más pequeños. Ed. Eudeba. Buenos Aires, 1962.

\_\_\_\_\_; Solfejo Curso Elementar. Adaptação portuguesa de Raquel Marques Simões. Ed. Fermata do Brasil. São Paulo, SP. 1985.



**XII Encontro Regional Nordeste da ABEM**  
*Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento*  
São Luis, 29 a 31 de outubro de 2014

